



**sala preta**  
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v21i1p1-4

## **EDITORIAL**

**Alessandra Montagner**

**Andreia Nhur**

**Henrique Rochelle**

**Marcos Bulhões**

**Sofia Boito**

**Suzana Schmidt Viganó**

**& Verônica Veloso**



A revista *Sala Preta* continua. Ano passado, seu projeto viu um anúncio de término, diante de diversas dificuldades de ordem operacional e financeira. Agora, após um breve período de interrupção, retomamos a revista com o apoio financeiro fundamental do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). A revista assume uma proposta de gestão colaborativa, dividida entre sete editores, oriundos de diferentes áreas de pesquisa em Artes Cênicas. Nesse contexto, lançamos este primeiro número do volume 21 como um espelhamento do caráter horizontal dessa proposta.

Os vários textos da presente edição foram produzidos por pesquisadores de áreas diversas, convidados a tecer reflexões pertinentes ao seu campo de atuação, em diálogo com questões atuais urgentes, que abarcam desde a crise da democracia e o colapso da situação sanitária até os impactos colonizatórios no Brasil, entre outros temas, como a própria dificuldade da editoração de revistas acadêmicas na área de Artes no Brasil.

Este é o assunto da entrevista que o crítico Henrique Rochelle, membro do corpo editorial da *Sala Preta*, realizou com Gilberto Icle. Nessa entrevista, Gilberto, editor-chefe da *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, periódico de maior reconhecimento da área, publicado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), discorre sobre o percurso do periódico. Ele levanta questões sobre as dificuldades das revistas acadêmicas, que são mantidas a partir de projetos pessoais de seus editores, quanto ao desafio de dar continuidade conforme o campo se amplia, devido à maior produção de conhecimento acadêmico na área.

Em “Repensando a polarização: o corpo e o renascimento da política”, a pesquisadora Helena Katz, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), discute a polarização política no Brasil à luz do que vem acontecendo com o corpo na sua relação com as telas. Constatando que a polarização não é tributária de uma patologia nacional, mas de um fenômeno viral, a autora relaciona corpo, processo de subjetivação movido pelo uso de dispositivos e a atual crise na democracia.

Já no artigo “Políticas culturais em tempos de pandemia: da Lei Aldir Blanc à Lei Paulo Gustavo e suas aplicações no estado e município de São Paulo”, o produtor e pesquisador José Renato Fonseca de Almeida versa sobre

a construção das leis emergenciais para a cultura durante a pandemia de covid-19, em especial a Lei Aldir Blanc I, buscando mostrar como, em tempos de guerra, exceção e pandemia, o que resta é a emergência.

Em “Há mais passado no presente do que se possa imaginar: a emergência do complexo do calçado na aula performática *Treze dias*”, Denise Pereira Rachel, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), discute a fabricação da aparência regida pelo processo civilizatório euro-ocidental como estrutura fundante no regime das aparências escolares no Brasil. Numa estrutura que combina argumentação teórica e relato de experiência, o texto transita entre escrita performativa e discussão conceitual, em diálogo com perspectivas basilares no debate sobre educação, colonização e racialização.

A pesquisadora e professora Suzana Schmidt Viganó, do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da USP, apresenta o artigo “Sobre a reinvenção das distâncias: artes cênicas e ação cultural na pandemia de covid-19”. A autora analisa duas experiências artístico-pedagógicas em meio à crise promovida pela pandemia, agravada por marcadores de desigualdade, que aumentou as distâncias e tornou os processos ainda mais fragilizados, sobretudo nos contextos das políticas públicas. A autora escreve como quem observa um trauma, perguntando-se sobre os aprendizados e potenciais conhecimentos que esse momento histórico traz para as práticas pedagógicas em Artes Cênicas.

O número ainda conta com uma resenha escrita pela dramaturga e pesquisadora Sofia Boito sobre o livro *Performance do tempo espiralar – poéticas do corpo-tela*, de Leda Maria Martins, publicado pela editora Cobogó em 2021. A resenha destaca as análises que Martins realiza de obras de Artes Cênicas em sua discussão sobre o corpo, que é poético e também político, estético e ético, artístico e conceitual, e produtor de pensamento.

Publicamos também neste número a tradução “Escrita-performance”, da pesquisadora Alessandra Montagner, a partir do artigo de Ric Allsopp, “Performance writing”, de 1999, que contribui com a reflexão contemporânea das Artes Cênicas, em sua perspectiva multilinguagens. O texto faz dialogar as práticas de escrita e de performance, explorando e tensionando as camadas

dessa relação, tanto no que concerne à prática artística quanto no que diz respeito à produção do conhecimento acadêmico.

Este número foi moldado com muito esforço por um corpo editorial que se desdobra em diversas funções, movido pelo desejo de não deixar morrer uma das mais renomadas revistas acadêmicas brasileiras da nossa área. Entre artigos, entrevistas, resenhas e traduções, muitos de nós colaboraram também escrevendo para esta edição, como forma de apresentar as diferentes modalidades de textos possíveis de serem submetidos e como forma de evocar a vida, dar um pontapé inicial e revelar, aos poucos, quais espinhos atravessam as nossas gargantas. Convidamos à retomada desta revista para recuperar suas forças e recusar coletivamente seu fim. Ainda há luto por tudo o que vivemos e continuamos a viver, mas a *Sala Preta* persiste: como resistência à paralisia, um ato plural de coragem e um desejo que não se pode silenciar.

Os editores,

Alessandra Montagner, Andreia Nhur,  
Henrique Rochelle, Marcos Bulhões, Sofia Boito,  
Suzana Schmidt Viganó e Verônica Veloso.